

OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A CRISE NO EGITO: REFLEXÕES INICIAIS¹

Anna Carolina Monéia Farias²

RESUMO: A partir da Primavera Árabe e da instabilidade que se instalou no Egito, um dos principais países aliados no Oriente Médio, é que a atenção norte-americana à região é novamente intensificada. A necessidade de defender os interesses nacionais em um sistema internacional em transformação faz com que os EUA desempenhem um papel fundamental na busca pela ordem. Dessa forma, a proposta deste trabalho é fazer uma reflexão inicial dos aspectos do envolvimento dos EUA na Crise do Egito e como a instabilidade política do país árabe pode refletir na relação entre os países a partir de um referencial teórico das Relações Internacionais e da Geografia.

Palavras-chave: EUA. Crise no Egito. Geopolítica.

Abstract: From the Arab Spring and the instability that has settled in Egypt, one of the main allied countries in the Middle East, is that the US attention to the region is one more time intensified. The need to defend national interests in a changing international system makes the United States play a key role in the pursuit of the system order. Thus, the purpose of this paper is to give an initial reflection on the aspects of US involvement in the Egypt crisis and how the political instability of the Arab country can reflect on the relationship between these countries, based on a theoretical reference of International Relations and Geography.

Keywords: USA. Crisis in Egypt. Geopolitics.

INTRODUÇÃO

O Egito é o país mais populoso e influente no mundo árabe, região com maior produção mundial de petróleo, fato este que suscita enorme interesse nos EUA em manter proximidade ao país. Por três décadas o Egito esteve sob o comando do militar Hosni Mubarak, que, influenciado e respaldado pelos Estados Unidos, edificou um Estado policial para combater o radicalismo islâmico. Esta situação política aliada à crise econômica culminou em um aumento da desigualdade social e dos índices de desemprego, reacendendo as tensões sociais e religiosas, fomentando intensos protestos civis.

A partir de 2011, o Estado passou a viver uma grande instabilidade política representada pelo fato de que no prazo de três anos o governo do país alterou-se por várias vezes: em 2011, o presidente pró-EUA, Hosni Mubarak, renunciou e em seu lugar, foi eleito Mohamed Morsi, membro da organização Irmandade Muçulmana, principal opositora do governo do antecessor; em 2013, os rumos dados ao país por este presidente provocaram intenso descontentamento social o que culminou em um golpe militar que o derrubou do poder e colocou temporariamente Adly Mansour; em 2014, Mansour renuncia e assume o poder Ibrahim Mahlab como representante do Estado egípcio; e ainda no mesmo ano, o ex-chefe do Exército, Abdel Fatahh al Sisi, é eleito democraticamente. Diante desta realidade extremamente atual vivida pelo país, algumas indagações se apresentam: em meio a esta instabilidade política, os Estados Unidos, a fim de se beneficiar da relação com o Egito, tem procurado manter a sua influência política no país? Quais os meios utilizados pelo Estado Norte Americano para tal? Como a instabilidade do Egito pode refletir na relação entre os Estados? É neste ponto que o presente trabalho se justifica.

O texto faz uma breve apresentação de pontos estratégicos do Egito para a política norte-americana, os quais justificam a sua preocupação em manter sua área de influência, bem como a artimanha utilizada para tal. Estruturalmente, é dividido em quatro partes: a primeira faz uma breve retomada à Primavera Árabe, a qual foi o

¹ Trabalho realizado durante o desenvolvimento da disciplina de Introdução à Geografia do curso de Relações Internacionais – UNESP *Campus* Marília.

² Contato: carolmoneia@hotmail.com

estopim da crise; a segunda apresenta questões principais sobre a relevância do Egito aos norte-americanos, bem como a relação entre os dois países; a terceira diz respeito à tentativa da superpotência em manter sua influência em meio à instabilidade; e por fim, a quarta procura sintetizar os pontos apresentados no decorrer do trabalho. A partir de um referencial teórico da área das Relações Internacionais e da Geografia este trabalho objetiva apresentar algumas reflexões que possam contribuir para esclarecer alguns pontos das indagações supracitadas.

EGITO E A INSURREIÇÃO POPULAR

A instabilidade política no Egito é fruto de um movimento iniciado na Tunísia e que, em pouco tempo, atingiu diversos países no Oriente Médio. No final de 2010, um jovem vendedor de rua ateou fogo em seu próprio corpo logo após ter seu meio de vida confiscado pela polícia tunisiana. O mesmo sentimento de indignação e humilhação que fez com o que Mohamed Bouazizi atentasse contra si, disseminou-se pela população em empatia ao ocorrido, tornando-o um símbolo de resistência. Em decorrência a isso, eclodiram movimentos populares contra o então presidente Zine El Abidine Bem Ali. (CANEPA, 2011; PECEQUILO, 2012)

Em pouco tempo, demais nações sob regimes autoritários, descontentes com a condição de vida e com o governo, fizeram o mesmo. Iniciava-se aí uma onda de revoltas, denominada Primavera Árabe - em alusão à Primavera dos Povos europeia em 1848, frente a sua movimentação intensa e a grande adesão popular. O Egito foi o primeiro país a aderir ao movimento e logo Iêmen, Bahrein, Emirados Árabes, Arábia Saudita, Líbia, Síria, Marrocos e Jordânia também integraram ao mesmo. Como observa Pecequilo (2012, p.144): “Os protestos no Egito contra o governo de Hosni Mubarak, há trinta anos no cargo, na Praça Tahrir demonstraram que as mobilizações na Tunísia não representavam um caso isolado, mas tendências de crise generalizada dos regimes políticos de parte do Oriente Médio e África”.

Isto evidencia como já havia uma tensão popular, uma insatisfação, mas que era reprimida fortemente por governos autoritários, o que instiga a reflexão sobre as causas dessa instabilidade, as demandas da população e a conjuntura política, econômica, social e religiosas desses países. Portanto, para compreender as razões que levaram à população egípcia a identificar-se com a situação na Tunísia e despertar o sentimento de revolta contra o governo egípcio, faz-se necessário uma breve retomada do contexto histórico anterior a este momento.

O então presidente, Hosni Mubarak, assumiu em 1981 e assim permaneceu por mais 30 anos. Na política, Mubarak monopolizou o poder, sendo o único concorrente em todas as eleições até 2005, quando então foram aceitos candidatos, embora vencesse com o uso de fraude. Por todos esses anos, o governo permanecia respaldado pelo Estado policial, dando grande espaço para as Forças Armadas, e com forte repressão aos grupos opositores. No que tange a este último aspecto é importante destacar a participação limitada da Irmandade Muçulmana, organização islâmica e política que, por anos, vem sendo perseguida e reprimida pelo governo, mas que ao mesmo tempo vem ganhando força por parte da população³. O Egito é um país de maioria islâmica, seguido por uma minoria ainda considerável de católicos, e a estabilidade social se mantinha frente a repressão de grupos extremistas. A estabilidade econômica também era um ponto importante do governo. Na política externa, principalmente no que diz respeito aos EUA, a relação entre os países se mantiveram próximas, mantendo todo o apoio norte-americano econômico, o qual desde o Acordo de Camp David⁴ rendia 1,3 bilhões de dólares por ano, e político, o que desde 2001, no contexto de Guerra Global ao Terror, tem se intensificado. (CANEPA, 2011; PECEQUILO, 2012)

³ Como evidencia PECEQUILO (2012): “Um momento simbólico do período ocorreu em 2005 quando a Irmandade Muçulmana (movimento igualmente dividido entre moderados e fundamentalistas) conseguiu cerca de 20% das cadeiras do parlamento, seguindo-se protestos por maior abertura e a contrarreação do governo via repressão.” A Irmandade, fundada no Egito em 1928, vem ao longo dos anos sendo fortemente reprimida pelo seu caráter extremista e pela defesa da *Sharia*, a Lei Islâmica, mas também tem gradualmente atraído mais seguidores.

⁴ Tratado de Paz entre Israel e o Egito, mediado pelos EUA, em 1979. Na ocasião, Israel se comprometeria a devolver os territórios ocupados durante a Guerra dos Seis Dias (1967) e a Guerra do Yom Kippur (1973) em troca do reconhecimento da soberania nacional de Israel. (PECEQUILO, 2012)

Portanto, de forma geral, o país se mantinha estável, financeiramente com os apoios externos e socialmente com a repressão de grupos opositores. Passados 30 anos de governo, a população egípcia dobrou e a pobreza cresceu. As políticas de reforma econômica do país acarretaram em altos índices de desemprego, sobretudo de mão-de-obra jovem. Além disso, o reacendimento de tensões religiosas, somado à falta de democracia, à péssima condição de vida, à má distribuição de renda, à indignação com a corrupção e ao abuso da força de Mubarak, levou a mobilização da sociedade egípcia, embalada em um sentimento de frustração com os seus representantes. A população saiu às ruas, resistindo aos ataques de grupos pró-Mubarak e do próprio governo, e tomaram a Praça Tahrir no Cairo com pedidos de mudanças. (CANEPA, 2011)

No dia 10 de fevereiro de 2011, oficiais de baixa e média patente também aderiram ao movimento e mesmo em meio aos protestos, Mubarak anunciou que permaneceria no cargo. Contudo, uma greve de proporções enormes se espalhou no país. Somada à pressão interna, alguns países também se pronunciaram fazendo com que a sua presidência torna-se insustentável. Com isso, Mubarak renunciou e logo uma junta militar, liderada pelo marechal Mohamed Hussein Tantawi do Conselho Supremo das Forças Armadas (SCAF), dissolveu o Parlamento e anunciou eleições num período de seis meses. (CANEPA, 2011; MARECHAL... 2011)

Passados alguns meses, os protestos na Praça Tahrir voltam a ocorrer, dentre outros motivos, pela falta, em curto prazo, de eleições presidenciais diretas. O marechal Tantawi define, portanto, a substituição do governo, assumindo o Primeiro Ministro Kamal al Ganzouri, e a declaração de datas definidas para as eleições parlamentares e presidenciais. Em 30 de junho de 2012, Mohamed Morsi, candidato vinculado à Irmandade Muçulmana vence as eleições. Todavia, o primeiro presidente eleito democraticamente é também um político islâmico, o que desagrade uma parcela da população que considera as suas ações como uma forma de impor os ideais islamistas no governo, sobretudo, na redação da nova Constituição egípcia. Com isso, após um ano de governo, Morsi é deposto pelas Forças Armadas do país, diante de mais uma onda de protestos com o agravamento das tensões religiosas e os problemas econômicos. (ENTENDA...2011; MARECHAL...2011; MILITARES...2011; MORSI...2012)

Em 3 de julho, o então general, Abdul Fattah al-Sisi, anuncia a suspensão da nova Constituição e a posse de Adly Mansour como governante interino até a convocação das próximas eleições. No início de 2014, Mansour renuncia e designa Ibrahim Mahlab para ser o novo chefe de governo. Ainda no mesmo ano, novas eleições presidenciais ocorreram no país e elegeram democraticamente o ex-militar Abdul Fatah Al Sisi ao cargo. Sisi era chefe do Exército, quando Mursi foi destituído do cargo. Enquanto candidato, havia declarado que não haveria menor reconciliação com a Irmandade Muçulmana. (EUA... 2014; SHARP, 2014)

APONTAMENTOS DA RELAÇÃO EUA-EGITO

Como já foi dito, o Egito tem papel fundamental no Oriente Médio, sendo o mais influente⁵ na região. Diante disso, existem aspectos do interesse americano que visam e carecem de uma boa relação com o país africano, de modo que uma crise política com a queda de um governo tradicionalmente aliado e moderado, poderia resultar em sérios riscos geopolíticos aos EUA. (PECEQUILO, 2012) É de suma importância, antes de mais nada, ressaltar que as relações políticas, econômicas e militares entre Estados Unidos e Egito devem ser avaliadas levando em consideração toda a conjuntura histórica ao longo dos anos

⁵ O Egito é considerado um Estado de grande importância no Oriente Médio, devido a sua forte influência sobre os demais países do Oriente Médio e do Norte da África. Desde o governo de Nasser, o Egito teve maior participação e relevância nos assuntos internacionais. Ainda no anos de Nasser, a política nacional pregava a união dos países árabes, o pan-arabismo, e a rejeição ao imperialismo do mundo ocidental. Isto conferiu ao país uma base política mais forte e uma proeminência regional desde então, instituindo a si mesmo um papel de líder. Um exemplo da sua atuação regional é o seu papel central na criação da Liga dos Estados Árabes e sua influência sobre o pan-africanismo com a fundação, posteriormente, da Organização da Unidade Africana (OUA). Ainda mais atualmente, é um país com grande capacidade de mediar as divergências entre árabes e ocidentais, bem como tem tido uma maior atuação na ONU e no G-20. (SILVERIO, 2010; VISENTINI, 2010)

e os interesses particulares dos Estados, sobretudo dos americanos, por representarem a maior potência do mundo. Isso endossa a concepção de que as relações internacionais e a política doméstica tem uma relação orgânica. Todavia, não se objetiva esgotar as políticas internas e entre ambos os países neste trabalho, mas apenas elucidar alguns pontos que são fundamentais para a compreensão e análise das possíveis consequências que o rompimento e o distanciamento entre os países podem representar em especial aos EUA.

A presença dos estadunidenses no Oriente Médio ganha notoriedade no pós-Segunda Guerra Mundial, em que se vincula o envolvimento militar na região à segurança energética, uma vez que este concentra a maior parte das reservas de petróleo do mundo. Da necessidade desta matéria podem ser subdivididos dois pontos: o petróleo como fim econômico utilizado na produção industrial e o fim político utilizado no funcionamento do aparato militar. Quanto a este último ponto, observa-se que as reservas de petróleo passam a ter um peso muito grande na condução do conflito e na garantia da segurança nacional neste período de pós-guerra. Nesse sentido, para que os EUA se assegurem do acesso a esse recurso, é essencial para o mesmo manter laços com governos aliados na região. Sendo assim, o Egito, como um país proeminente no mundo árabe, desempenha um papel de suma importância para os estadunidenses. (FUSER, 2005)

Todavia, ainda em meio ao contexto de Guerra Fria, o então governante egípcio, Gamal Abdel Nasser (1954-1970), adota uma política nacionalista e de hostilidade aos britânicos⁶, levando o país à aproximação com a URSS. Neste momento, o estreitamento das relações entre o inimigo e um país de extrema importância para os interesses do Estado Americano representam uma forte ameaça para os EUA. Alguns autores das Relações Internacionais discutem o fundamento estratégico dos recursos naturais, isto é, como o porte de matérias primas – especialmente importantes como o petróleo – conferem destaque na determinação na hierarquia dos Estados, no que diz respeito às diferentes dimensões de poder. Tendo isso considerado, a aproximação soviética ao Egito, durante o conflito, despertou nos EUA a disposição em não medir esforços para garantir o acesso ao petróleo. (ARON, 2002; FUSER, 2005; MORGENTHAU, 2003;)

Além do interesse americano sobre o petróleo propriamente para fins bélicos⁷, a política em relação ao Oriente Médio no pós-guerra caracterizava-se pela ampliação das reservas energéticas para recuperar a Europa Ocidental destruída e o Japão, assim como impedir o avanço da URSS na região, além de continuar a cooperação com a Grã-Bretanha⁸ no setor petrolífero, a qual ainda possuía a maior parte das reservas do Golfo Pérsico, assim como os EUA. Portanto, o petróleo tem um forte peso na esfera econômica, política e bélica para o país. (FUSER, 2005)

Ainda dentro dessa conjuntura, tem-se a aproximação do Egito à URSS, o que do ponto de vista geopolítico também designava uma ameaça aos norte-americanos, isto porque é preciso considerar a disputa por áreas de influência durante a Guerra Fria, no qual se evidencia a localização geográfica do Egito. O valor da posição do país, entre três importantes continentes, remete a perspectiva tradicional de geopolítica. Nesta percepção, destaca-se autores como Mackinder⁹, Spykman¹⁰, Mahan¹¹ e Brzezinski¹² que travam discussões, entre outros temas, sobre a supremacia dos poderes aéreo, naval e terrestre, bem como a

⁶ O Egito esteve sob domínio britânico de 1882 até 1922. Apesar de independente, os britânicos ainda mantiveram grande influência sobre o governo. Em 1952, uma insurreição militar nacionalista eclode sob a liderança de Gamal Abdel Nasser, quem passa a ser o novo dirigente do país e adota uma postura de união dos países árabes contra o imperialismo ocidental e o sionismo. Para saber mais, ver SILVERIO, 2010.

⁷ Fuser (2005, p. 37) aponta exemplos de superioridade de alguns navios -de-guerra, tanques e aviões de combate movidos a derivados do petróleo em comparação aos que fazem uso de carvão.

⁸ Até o início da década de 1970, cinco grandes empresas norte-americanas, Exxon, Mobil, Standard Oil of California (SoCal, Texaco e Gulf; associadas às europeias Shell e Anglo-Persian (atual British Petroleum formavam um cartel denominado de “As Sete Irmãs”, as quais tinham o domínio do mercado de petróleo no mundo. (FUSER, 2005)

⁹ Ver MACKINDER, 1904.

¹⁰ Ver SPYKMAN, 1938 e SPYKMAN, 2007.

¹¹ Ver MAHAN, 1897.

¹² Ver BRZEZINSKI, 1991.

localização geográfica de certos países, os quais garantem, segundo suas teorias, vantagens ou desvantagens em relação a uma possível hegemonia. No contexto de mundo bipolar, as estratégias adotadas seguem o pressuposto de que: “para evitar o conflito e impor uma certa ordem os fortes nada encontraram de melhor até hoje do que a delimitação de zonas de influência”. (ARON, 1985, p.381) Tendo isso considerado, Spykman, um dos principais geostrategistas desse período, inspira o que será desenvolvida como estratégia da Contenção¹³, utilizada pelos EUA na doutrina de segurança no pós-Segunda Guerra. Nessa concepção, os norte-americanos deveriam assumir uma política intervencionista tanto na Europa quanto na Ásia em que a sua estratégia se daria a partir do poder periférico, e assim, conter a expansão soviética na periferia do continente euroasiático. (CANCIAN, 2008)

Dessa forma, isso significa que, na perspectiva geopolítica tradicional de busca por hegemonia, a supremacia americana dependeria do exercício de sua influência não diretamente sobre a eurásia, visto que essa é demasiadamente extensa, populosa e culturalmente variada. A questão seria, portanto, agir pelos chamados pivôs geopolíticos: aqueles que possuem uma potencial vulnerabilidade com os atores geoestratégicos e que exercem influência além de suas fronteiras. Além disso, os pivôs geopolíticos são, na maioria das vezes, determinados por deterem um papel significante na defesa do acesso a áreas importantes ou na negação de um recurso valioso para os *geostrategic players*. (BRZEZINSKI, 1991)

É dentro dessa perspectiva que se observa o Egito na lógica geoestratégica americana. Não bastando a influência do país na região, no mesmo está localizado o Canal de Suez, onde transita a maior parte do petróleo do Golfo que supria a Europa Ocidental. Sem a concessão de acesso rápido ao Canal, a marinha norte-americana deve deslocar-se até o Cabo da Boa Esperança, o que representaria um enorme desperdício de tempo. O fácil acesso permite aos norte-americanos enviarem cerca de doze navios de guerra por mês, sendo um atalho muito grande para Ásia. (GHATTAS, 2013)

Evidencia-se, portanto, como a questão geográfica é tida também como importante para a política e como o Egito pode ser um aliado fundamental aos americanos. A busca por áreas de influência, a necessidade do acesso facilitado ao petróleo e, principalmente, a aliança com países moderados e relevantes para os interesses estratégicos nacionais salientam o papel do Estado africano. Ainda dentro dessa conjuntura, é importante destacar que na mesma medida que o Egito se aproxima da URSS, os EUA também constituem uma forte relação com o recém-criado Estado de Israel.

Na segunda metade dos anos 50 projetava-se um nacionalismo¹⁴ dos recursos egípcios, apoiado pelos soviéticos, que ia de encontro ao mercado internacional regido pelo capitalismo e pelos norte-americanos. Com isso, sucessivos governos norte-americanos se rejeitavam a apoiar nacionalistas árabes, mesmo aqueles mais moderados, e defendiam o sistema de mandatos e o comando da região por europeus. Na medida em que a política americana se aliava a Israel, o país voltava-se cada vez mais à URSS em busca de apoio econômico, político e militar. Duas guerras foram travadas, ambas contra Israel¹⁵: a primeira, em 1956, em que forças armadas israelenses, inglesas e francesas invadem o Egito diante da nacionalização do Canal de Suez¹⁶ pelo governo de Nasser, e a segunda, em 1967, na Guerra dos Seis Dias¹⁷, quando Israel

¹³ Ver KENNAN, 1946.

¹⁴ Após um longo tempo tendo sido dominado por estrangeiros, a reação do governo Nasser foi adotar uma política fortemente nacionalista e em prol da independência do mundo árabe do imperialismo ocidental. O governo Nasser instituiu uma política defensora do pan-arabismo, isto é, a associação dos países culturalmente árabes em uma grande aliança. Dentro dessa lógica, foi formada a República Árabe Unida; uma união entre Egito e a Síria que se perdeu entre 1958 à 1961. (SILVERIO, 2010)

¹⁵ A criação do Estado de Israel sofreu forte desaprovação pelos países da Liga dos Estados Árabes. O Egito e os demais países consideravam Israel como um “instrumento do neocolonialismo” e representante do Ocidente na região. (SILVERIO, 2010)

¹⁶ A nacionalização da Companhia do Canal de Suez pelo Egito foi tido pelo ocidente como uma forte ameaça ao tráfego internacional, principalmente, para o transporte de petróleo. (SILVERIO, 2010)

¹⁷ Nesse contexto, os países membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo estabelecem o embargo na exportação de petróleo para os aliados de Israel. Pela primeira vez, os países utilizam o petróleo como uma arma política. O movimento de pan-arabismo, iniciado pelo Egito, e consagrado também entre os países africanos no pan-africanismo resultaram na maior irmandade entre ambos. Com a guerra, dezessete países da África subsaariana romperam suas relações diplomáticas com Israel por um gesto de “solidariedade política afro-árabe-terceiro-mundista”.

ocupou áreas egípcias, sírias e da Jordânia. O custo com as guerras agravaram a situação econômica do Egito e somente o apoio soviético pode impedir a sua ruína definitiva. (SILVERIO, 2010; SMITH, 2008)

Com a morte de Nasser em 1970 e a sucessão da presidência por Anwar Sadat, o governo egípcio adotou uma política distinta da anterior, denominada “Intifah”, que, dentre outros pontos, está a desnacionalização da economia, o investimento particular e o afrouxamento da relação com a URSS. Já neste ponto, o domínio do Estado sobre o seu próprio território começa interagir, de forma um pouco mais livre e flexível, com novos atores econômicos, como as grandes corporações transnacionais e as organizações políticas e econômicas supranacionais. No final da década, Israel e o Egito, sob o intermédio dos EUA, fazem sucessivas tentativas de negociação e, em 1979, assinam os acordos de Camp David, em que Israel devolveria os territórios ocupados anteriormente em troca do reconhecimento pelo Egito da sua soberania. A questão é que Israel é, por uma série de fatores, um importante aliado dos EUA no Oriente Médio. Frente a disputa com os países alinhados aos soviéticos, o reconhecimento de Israel pelo Egito tem uma grande representação para os interesses dos americanos¹⁸. Desde os acordos, o Egito se tornou o principal beneficiário de aparato militar dos Estados Unidos, transformando-se em um grande aliado muçulmano na região. (CASTRO, 2005; FUSER, 2005; HAESBAERT, 2006; PECEQUILO, 2012; SMITH, 2008)

Desde então, os EUA mantiveram por anos estreitas relações com o Egito em troca de auxílio militar, sustentando por anos o governo egípcio. Em 1981, o então presidente é assassinado e o vice, Hosni Mubarak assume o poder. O ditador manteve boas relações com Israel e priorizando a segurança, criou um Estado policial que combatesse o radicalismo islâmico, o qual pretendia implantar um Estado religioso, regido pelo Alcorão e pregar a Jihad, “Guerra Santa”, contra o Ocidente. Aos norte-americanos essa política do governo autocrata impedia que questões religiosas atrapalhassem suas negociações com o país. (CANEPA, 2011)

Entre 1948 e 2014, os EUA enviaram 74.650 bilhões de dólares ao Egito, incluindo 1,3 bilhões enviados todos os anos desde 1987. Diante disso, o país árabe pode desenvolver um exército de alto nível, que representa cerca de 25% do PIB nacional gasto com Forças Armadas. Tamanha ajuda financeira – considerando, ainda, que os EUA são os maiores parceiros comerciais do Egito - traduz-se também em grande poder de barganha sobre a política egípcia. Após os atentados de 2001 e a “Guerra ao Terror” empreendida pelos norte-americanos, o Egito se torna ainda mais um aliado chave no continente. (PECEQUILO, 2012; SHARP, 2014; VISENTINI, 2010)

A RELAÇÃO EUA-EGITO EM CRISE?

Tendo, portanto, apresentado alguns pontos relevantes da relação entre EUA e Egito, propõe-se refletir brevemente a relação entre ambos os países neste período de crise, visto as condições em jogo. Como foi apresentado, o interesse norte-americano no Egito se deu de forma mais consistente no após a Segunda Guerra Mundial. Todo o processo que levou a enfim constituir uma relação entre os dois países passou por um grande período, durante o governo Nasser, de forte aversão aos países ocidentais. A questão é, tendo então o EUA e o Egito firmado laços, de que forma a crise egípcia pode refletir na relação entre ambos? Os EUA tem buscado atuar de alguma forma para lidar com essa instabilidade política?

Mesmo com o fim da Guerra Fria, os EUA mantiverem seu apoio ao Egito. Isso porque ainda que a disputa por áreas de influência com a URSS não seja mais uma pauta principal, para os americanos é importante manter relações com governos moderados e de grande influência na região, além, é claro, do acesso ao Canal de Suez. No caso egípcio, o governo de Mubarak, como já apresentado, reprimia os

Esta ocasião deixou clara a dependência americana ao recurso da região, bem como o nacionalismo como principal inimigo. (FUSER, 2015; SILVERIO, 2010)

¹⁸ Com a assinatura do acordo de Camp David, as relações do país com os demais países do pan-arabismo e pan-africanismo foram abaladas. Logo após o acordo, o mundo árabe rompeu relações com o Egito e este foi excluído da Liga Árabe, tendo inclusive sua sede transferida do Cairo para Túnis na Tunísia (SILVERIO, 2010).

opositores – fundamentalistas islâmicos - com um forte aparato militar, financiado pelos americanos. Do mesmo modo, o Egito representa, após os acordos de Camp David, um forte aliado nas negociações de paz entre Israel, Palestina e os demais países árabes.

A questão é que a crise reflete na desestabilização do governo árabe, isto é, a posse de um novo governante com tendências extremistas pode ameaçar o status quo e toda a influência que os americanos exercem sobre o Egito. Se governos nacionalistas islâmicos assumirem o poder, as negociações de petróleo e a relação com Israel podem ser diretamente atingidas, o que seria um grande problema para os EUA, e seu mais forte aliado na região, Israel. Desse modo, a intensão americana é financiar governos aliados moderados que mantenham ideais nacionalistas extremistas reprimidos e, assim, possam garantir seus interesses.

Durante a Primavera Árabe, a política externa norte-americana no país se tornou improcedente. Ao mesmo tempo em que o governo do presidente Barack Obama defendia a democracia, havia o temor da interferência no seu relacionamento com o país devido às consequências de um governo islâmico. A destituição de Mubarak e o novo governo assumido pela junta militar foi apoiada pelos EUA na medida que houve a percepção de que era inviável mantê-lo no poder. Os militares dariam prosseguimento a uma reforma gradual, “de modo que contivesse os movimentos populares e o crescimento da Irmandade Muçulmana.” (GHATTAS, 2013; PECEQUILO, 2012)

A posse de Mohamed Morsi, quem mantinha estreitos laços com a Irmandade Muçulmana, não impediu, todavia, que os americanos continuassem dando apoio militar ao país. A questão é que Obama considerava que o novo presidente fosse dirigir o país por vias democráticas, reiterando a oposição norte-americana a um único partido. Após um ano de governo, Morsi é deposto pelas Forças Armadas do país e a primeira medida tomada pelos EUA com a deposição do então presidente foi o congelamento parcial do apoio militar. Embora não rotulassem a derrubada como um “Golpe de Estado”, exigiam eleições democráticas o quanto antes. (OBAMA... 2013; SHARP, 2014)

O congelamento de recursos fez com que o governo interino criticasse a falta de apoio norte-americana, enquanto que a Irmandade Muçulmana argumentava que se a Casa Branca ainda estivesse fornecendo aparato militar, seria complacentes com o golpe. Nesse empasse, Kerry, secretário de Estado norte-americano, viajou ao país árabe e em conjunto discutiram sobre a transição política prometida pelos militares. Dessa forma, novas eleições presidenciais ocorreram no país e elegeram democraticamente o ex-militar Abdul Fatah Al Sisi ao cargo. Logo, o Egito voltou a receber o apoio financeiro de US\$ 572 milhões. Kerry aconselhou o novo governo que tome medidas inclusivas na sua gestão, ou seja, encontre formas de dialogar com a Irmandade Muçulmana, de forma a essa ser incluída no processo político. (EUA... 2014; GHATTAS, 2013; SECRETÁRIO... 2013; SHARP, 2014)

Portanto, é possível observar que Washington está atenta aos acontecimentos no Egito e tem utilizado o pagamento da assistência militar como forma de constrangimento para indução de determinadas ações. Os congelamentos e os recorrentes encontros entre representantes dos dois países evidenciam a atuação americana de forma indireta no país, diferentemente, por exemplo, da atuação através da intervenção militar na Líbia. A questão é que, como já foi apresentado, o Egito é um país extremamente importante para os americanos e também tem um grande papel regional. (PECEQUILO, 2012)

Considerações Finais

Apesar da situação, o Egito continua sendo peça-chave na região para os EUA por ser o mais influente na região. Ter o apoio do governo é fundamental para manter a paz entre o país e Israel, além da manutenção dos acordos de Camp David e a concessão de acesso rápido ao Canal de Suez. O presente trabalho teve a intenção de elucidar os fatos do envolvimento dos EUA na Crise do Egito sem aprofundar nas suas causas políticas, sociais e econômicas. Como foi exposto, os EUA agem ativamente a fim de defender seus propósitos, acompanhando e influenciando o rumo do país. No momento, aos Estados Unidos, mais do que inserir de forma completa os egípcios na nova democracia, é fundamental acalmar os ânimos da parcela extremista que tem, desde a deposição de Morsi, gerado manifestações e ataques contra as forças de segurança do país. Se o país governado por Sisi se tornará mais autoritário é uma questão em aberto, mas com certeza os Estados Unidos da América, utilizando principalmente do apoio financeiro como recurso, estarão por perto para defender seus interesses nacionais, assim como já fazem ao longo dos anos.

Referências Bibliográficas

- ARON, Raymond: “Que é uma Teoria das Relações Internacionais?” *in*: _____: *Estudos Políticos*, Brasília: UNB, 1985, p. 375-396.
- ARON, Raymond: *Paz e Guerra entre as Nações*, Brasília, São Paulo: IPRI, UNB, 2002
- BRZEZINSKI, Zbigniew: *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*, New York: Basic Books, 1991.
- CANCIAN, Renato. Geopolítica: Teorias do Heartland e do Rimland. 2008. Texto de Sociologia Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/viewFile/62/57>>.
- CANEPA, Beatriz. Revoluções no Mundo Árabe: A queda das ditaduras na Tunísia e no Egito abre uma onda de contestação em nações do norte da África e do Oriente Médio. O autoritarismo que predomina na região começa a ir à falência. **Ge Atualidades**, São Paulo, p.27-37, 24 fev. 2011. Editora Abril.
- CASTRO, Iná Elias. Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- ENTENDA a crise política no Egito. Disponível em: <<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/07/entenda-crise-politica-no-egito.html>>.
- EUA liberam ao Egito aporte financeiro bloqueado desde golpe contra Mursi: Kerry faz visita surpresa a Cairo e acena reaproximação com o recém-empossado Al Sisi, ex-chefe do Exército que depôs Irmandade Muçulmana em 2013. **Opera Mundi**. São Paulo, 22 jun. 2014. Relações Internacionais. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/35762/eua+liberam+ao+egito+aporte+financeiro+bloqueado+desde+golpe+contra+mursi.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2014.
- FUSER, Igor. **O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)**. 2005. 329 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais “santiago Dantas”, da Universidade Estadual de São Paulo (unesp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (puc-sp) e Universidade Estadual de Campinas (unicamp), São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/50975>>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- GHATTAS, Kim. Crise no Egito abala credibilidade da política externa dos EUA. **Bbc Brasil**. Brasília. 16 ago. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130816_estadosunidos_egito_fl.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2014.
- HAESBAERT, Rogério & GONÇALVES, Carlos W.P. A Nova Des-ordem Mundial. São Paulo: Ed. UNESP. 2006
- KENNAN, George: The Sources of Soviet Conduct, *Foreign Affairs*, 25, 1946, p. 566-582.
- MACKINDER, Halford John. The Geographical Pivot of History. *The Geographical Journal*, London, v. 23, n. 4, p.421-437, abr. 1904.
- MAHAN, Alfred Thayer. The Interest of America in Sea Power: Present and Future. London: Sampson Low, Marston & Company, Limited., 1897. 119 p.

MARECHAL Tantawi vai liderar novo governo egípcio. 2011. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/02/11/marechal-tantawi-vai-liderar-novo-governo-egipcio.htm>>.

MILITARES nomeiam Kamal Ganzouri novo premiê do Egito. 2011. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/militares-nomeiam-kamal-ganzouri-novo-premie-do-egito,31495ff516e1b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>

MORGENTHAU, Hans: Uma Teoria Realista da Política Internacional, In: _____: A Política entre as Nações – a luta pelo poder e pela paz. Brasília, São Paulo: UnB, Imprensa Oficial do Estado de SP, 2003, p. 3-29.

MORSI vence a 1ª eleição livre da história do Egito. 2012. Disponível em:

<<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,morsi-vence-a-1-eleicao-livre-da-historia-do-egito,890923>>.

OBAMA mostra preocupações com Egito em ligação a Mursi. **Exame**. Eua. 2 jul. 2013. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/obama-mostra-preocupacoes-com-egito-em-ligacao-a-morsi>>. Acesso em: 27 jul. 2014

SECRETÁRIO de Estado dos EUA reitera apoio ao Egito em 1ª visita após queda de Mursi. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 03 nov. 2013. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/11/1366256-secretario-de-estado-dos-eua-reitera-apoio-ao-egito-em-1-visita-apos-queda-de-mursi.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

SHARP, Jeremy M.. Egypt: Background and U.S. Relations. In: CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 10., 2014, Usa. **Report**. Usa: U.s Department Of State, 2014. p. 1 - 21. Disponível em:

<<http://fas.org/sgp/crs/mideast/RL33003.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.). **História Geral da África VIII**: África desde 1935. Brasília: Unesco, 2010. 1272 p.

SMITH, Dan. **O Atlas do Oriente Médio**: O Mapeamento Completo de Todos os Conflitos. São Paulo: Publifolha, 2008. 144 p.

SPYKMAN, Nicholas J.. Geography and Foreign Policy, I. American Political Science Review, [s.l.], v. 32, n. 01, p.28-50, fev. 1938. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.2307/1949029>.

SPYKMAN, Nicholas John. America's Strategy in World Politics: The United States and the Balance of Power. New Brunswick: Transaction Publishers, 2007. 500 p.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. Egito: A Busca de um Papel Regional. Porto Alegre: NERINT, 2010.

